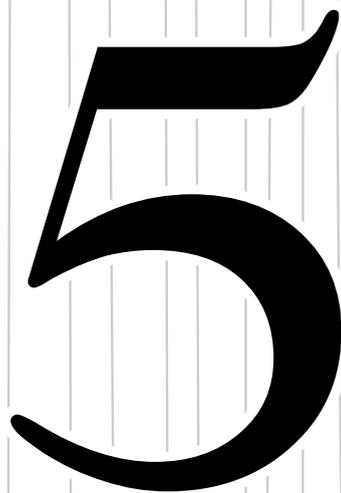


Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal

*Sex and power in Ancient Rome:
the homoerotism in Marcial and Juvenal's works*

Paulo César Possamai

*Professor da Universidade Federal de Pelotas
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
paulocpossamai@hotmail.com*

A large, stylized black number 5 is centered on the right side of the page. The background of the entire page is filled with thin, vertical, light gray lines. The number 5 is rendered in a bold, serif font with a thick stroke and a decorative flourish at the top right.

Resumo

As obras de Marcial e Juvenal são esclarecedoras sobre os usos e costumes da sociedade romana durante o Alto Império. O objetivo deste artigo ao estudá-las é mostrar o quanto o sexo era visto como uma forma de poder na Roma Antiga. Para tanto, concentra-se nas referências ao homoerotismo, pois nele pode-se observar o quanto o sexo entre homens estava imbuído da perspectiva do poder, ao confrontar a aceitação do parceiro ativo com a ridicularização do parceiro passivo, identificado à mulher, gênero que se entendia como naturalmente subordinado ao homem.

Palavras-chave: Sexo. Poder. Homoerotismo.

Abstract

The works of Marcial and Juvenal about the uses e costumes of the Roman society during the High Empire are enlightening. By studying them we aim at showing how sex was seen as a way of power in Ancient Rome. Thus, we will focus on the references to homoerotism because in it we can observe how the sex between men was imbued with the perspective of power when confronting the acceptance of the active partner with the ridiculing of the passive one, identified to the woman, gender which was understood as naturally subordinated to the man.

Keywords: Sex. Power. Homoerotism.

Será um erro olhar a Antiguidade como o paraíso da não repressão e imaginar que nela não havia princípios; simplesmente, seus princípios nos pareceriam surpreendentes, o que devia levar a supor que nossas mais fortes convicções não valem grande coisa. (VEYNE, 2008, p. 237).

Antes de abordar o tema deste artigo, cumpre fazer uma breve exposição da razão pela qual não adotarei neste texto o termo “homossexualidade”. Estou de acordo com Foucault (2003, p. 167) de que essa palavra “é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso”. Os gregos e romanos não opunham, como forma excludente, o amor pelo sexo oposto a um representante do próprio sexo. Entre eles, a distinção se dava entre a temperança e a incontinência sexual.

Segundo Halperin (1989, p. 8), a homossexualidade pressupõe sexualidade, que é uma construção moderna, pois, ao contrário do sexo, que é um fato natural, a sexualidade é uma produção cultural. O termo “homossexualismo” surgiu justamente quando se criou a dicotomia entre os direcionados eroticamente ao sexo oposto, então considerados “normais”, e os chamados “invertidos”, os que só encontravam o prazer entre os representantes do mesmo sexo. Isso aconteceu no decorrer do século XIX, quando se deu o que Greenberg (1988, p. 397-433) chamou de a “medicalização” da homossexualidade, ou seja, quando o homoerotismo foi qualificado como uma doença.

Se já na Antiguidade se falava de um comportamento antinatural com relação ao homoerotismo, ainda assim não se dividia a humanidade em heterossexuais e homossexuais, mas sim entre ativos e passivos. Nas *Leis*, compostas no final da vida de Platão, o filósofo ateniense declara que o prazer da cópula heterossexual é fornecido “de acordo com a natureza”, enquanto que o prazer homossexual é “contrário à natureza” e “um crime causado pela incapacidade de controlar o desejo do prazer”. (PLATÃO *apud* DOVER, 1994, p. 228). Ou seja, o problema residia na intemperança. Há de ressaltar ainda que, conforme Veyne (2008), para os antigos, “antinatural” não queria dizer uma coisa monstruosa, como se entendeu depois, mas um ato contra as regras sociais vigentes ou algo falsificado, artificial. “O que é antinatural na pederastia não é para Platão uma anormalidade digna de ser considerada, mas um defeito moral, como a gula; trata-se de uma sofisticação não ecológica”. (VEYNE, 2008, p. 231).

O texto pseudoaristotélico *Problemata* afirma que os homens que têm desejo de serem penetrados “sofrem de uma distorção e têm um desejo num lugar diferente do da ejaculação procriadora. Por esse motivo, eles são insaciáveis, assim como as mulheres [...]”. (*apud* DOVER, 1994, p. 235). Repare que a preocupação do autor concentra-se no homem que sente prazer em servir como passivo sexual e não àqueles que buscam prazer no papel ativo com outros homens, ou seja, a homossexualidade não era encarada como uma doença, mas a passividade sim.

Vejam os outros exemplos. A obra de Caelius Aurelianus, *De moribus chronicis*, uma tradução e adaptação ao latim de textos do médico grego Soranus, que praticou e ensinou medicina em Roma durante a primeira parte do segundo século antes de Cristo, mostra que o fato de um homem buscar o prazer com outro homem não era encarado como um distúrbio médico. O problema estava no desejo de ser penetrado por outro homem, o que marcaria o abandono de uma identidade masculina por uma feminina, comportamento que só podia ser explicado como uma doença. (HALPERIN, 1989, p. 22-24). De novo, observamos que não existia a dicotomia heterossexual-homossexual, mas sim a que contrapunha o comportamento ativo ao passivo.

O homoerotismo não era considerado um comportamento sexual diferenciado, como na atualidade, mas sim como a manifestação de uma preferência que não excluía relações heterossexuais em uma sociedade que seria predominantemente bissexual. De fato, o uso do termo “bissexual” parece resolver o problema para Paul Veyne¹, Eva Cantarella e Jean-Noël Robert. Porém, ele ainda reflete uma realidade do mundo contemporâneo, pois não está desligado da dicotomia homossexual-heterossexual, que, como vimos, não era importante no mundo greco-romano. Por isso, optamos pelo termo “homoerotismo”, que, no nosso entendimento, melhor traduz a relação amorosa ou sexual entre o mesmo gênero entre gregos e romanos.

Entre os romanos, segundo Veyne (2008, p. 233), “ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. Ter prazer virilmente ou dar-se servilmente era tudo”. Portanto, não havia uma reprovação ao homoerotismo na Roma antiga, mas sim à efeminação² e ao papel passivo. Para Veyne (2008, p. 234), a passividade era um dos efeitos da falta de virilidade, a

¹ Embora Veyne utilize o termo “bissexualidade”, ele prefere o termo “homofilia” à “homossexualidade”, usado pela maior parte dos historiadores quando se referem ao homoerotismo.

² Utilizamos aqui a palavra “efeminado” no conceito atual do termo, no sentido de um homem que assume um comportamento que tradicionalmente se atribui às mulheres. Entre os romanos antigos, o sentido era outro: “Se alguém tivesse um gosto especial pelas mulheres, isto provava, segundo eles, que era um efeminado” (VEYNE, 1985, p. 244).

qual era muito valorizada em uma sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta da virilidade, nos gestos, na fala ou no vestuário.

No mundo greco-romano, a guerra era uma presença constante e, provavelmente, a desqualificação do feminino surgiu da “inadequação das mulheres enquanto guerreiras”. (DOVER, 1994, p. 276). Um comportamento caracterizado como feminino demonstraria, portanto, a fraqueza de um homem. Veyne (2008, p. 234) vai mais longe ao dizer que “toda a paixão amorosa, homófila ou não, é incontrolável e desfibra o cidadão-soldado. Seu ideal é a vitória sobre o prazer, qualquer tipo de prazer”.

A princípio, em Roma, o homoerotismo era aceito quando se restringia às relações entre cidadãos, que deveriam representar o papel de ativo na relação sexual, e escravos, atuando como passivos. Essa relação de domínio através do sexo era favorecida pelo escravismo e pelo machismo e não se restringia aos romanos, mas era comum a boa parte dos povos do Mediterrâneo. Halperin (1989) lembra que mesmo entre os gregos o homoerotismo acontecia em relações assimétricas: o parceiro ativo sempre deveria pertencer a um estatuto superior ao parceiro passivo. Segundo o autor, o que prevalecia era um “ethos de penetração e dominação”. (HALPERIN, 1989, p. 34-35).

Exemplos coletados pelos autores antigos nos contam da vergonha que recaía sobre o cidadão acusado de passividade sexual. Plutarco conta a história de um tirano do século VI, Periandro de Ambrácia, que foi morto pelo seu erômenos porque lhe perguntou, em público, se ele ainda não estava grávido. Para Dover (1994, p. 153), “a implicação é que o erômenos estava disposto a desempenhar um papel feminino enquanto ninguém o comparasse a uma mulher”.

Valério Máximo conta que, em Roma, na época das guerras samnitas, um jovem chamado Vitrúvio, filho de um magistrado arruinado, vendeu-se como escravo para pagar suas dívidas. Seu dono, Plócio, apaixonou-se por ele e mandou fustigá-lo por resistir aos seus intentos. O jovem escravo recorreu aos cônsules, que transmitiram a queixa ao senado, o qual mandou prender Plócio. Plutarco conta uma história parecida. Um sobrinho de Mário, Caio Lúcio, que servia como oficial, quis violentar um de seus soldados e foi morto por ele. Em vez de punir o assassino, Mário lhe deu uma coroa, “declarando que com seu gesto ele havia dado um exemplo que todos deveriam seguir”. Temos mais relatos sobre tentativas, que acabaram mal, de oficiais de abusar dos soldados na obra de Valério Máximo. Provavelmente para impedir o assédio sexual no

exército, generalizou-se o costume entre os membros dos estados-maiores, durante as guerras civis do final da república, de levarem consigo jovens escravos para seu prazer. (GRIMAL, 1991, p. 119-121).

Com base nos exemplos acima, vimos que o homoerotismo existia em Roma antes da influência helênica. De fato, Catão, que a combatia em favor da manutenção dos valores tradicionais, nunca protestou contra o homoerotismo, mas somente contra os altos preços pelo qual os escravinhos eram vendidos. A crítica era dirigida contra o luxo e a ostentação e não ao uso que se fazia dos escravos. (VEYNE, 1978, p. 50). A esse respeito, é bem conhecida a afirmação de Sêneca pai a respeito da passividade: “é um crime para um homem que nasceu livre; é o dever mais absoluto de um escravo; para o alforriado, é uma complacência que tem o dever moral de ter para com o seu patrono”. (SÊNeca *apud* ROBERT, 1995, p. 221).

Apesar da reação dos conservadores, o homoerotismo entre os romanos se helenizou, dando lugar ao aparecimento da homoafetividade, componente imprescindível da pederastia, que entre os gregos tinha um caráter educativo e afetivo, ligando um homem a um rapaz. Porém, ao contrário do que ocorria entre os gregos, a relação pederástica em Roma normalmente ainda unia um cidadão a um escravo ou a um liberto. O que mudou foi a atitude dos elegantes, que buscavam nos rapazes imberbes o amor, e não somente a satisfação dos desejos, como acontecia anteriormente³. Os primeiros poemas de amor em Roma foram dedicados à pederastia e foi necessário esperar que Virgílio descrevesse a paixão de Dido por Enéias para se ver cantada pela primeira vez uma relação amorosa entre os dois sexos. (ESLAVA GALÁN, 1996, p. 51-52).

As leis feitas com o objetivo de impedir a entrada em Roma dos costumes helênicos foram burladas pelas próprias camadas dirigentes, encantadas pelo brilho da civilização helenística. Entre elas, cumpre destacar a *lex Scatinia* (149 a.C), que punia o abuso de crianças livres (*stuprum cum puero*) e o cidadão acusado de passividade (*impudicus*). (ROBERT, 1998, p. 53). Salientamos que essa lei não proibia o homoerotismo, pois visava especificamente defender a virtude (*virtus*) do cidadão romano, já que a passividade era identificada com os que tinham um estatuto inferior, como as mulheres e os escravos. (OLIVA NETO, 1996, p. 49). Tal situação explica por que o amor pelos rapazes em Roma era dirigido principalmente aos escravos, aos libertos ou aos estrangeiros, embora provavelmente não se restringisse a

³ Os seguintes historiadores estão de acordo sobre esse ponto: Eva Cantarella, em *Secondo natura* (1999, p. 178); Juan Eslava Galán, em *La vida amorosa en Roma* (1996, p. 52); Paul Veyne, em “L’homosexualité à Rome”, p. 72.

eles. O fato de uma lei ter sido criada para interditar tal prática entre os cidadãos mostra o quanto as autoridades se preocupavam com o avanço dos costumes gregos na sociedade romana.

A rígida separação social em Roma parece ter resolvido o “problema grego dos rapazes”, no dizer de Foucault. No mundo grego, a pederastia ocorria entre os socialmente iguais, mas de idades diversas. A honra do futuro cidadão dependia do uso que tinha feito do seu corpo durante a juventude, quando a passividade lhe era permitida. (FOUCAULT, 2003, p. 188). Como aponta Cantarella (2007, p. 98), a passividade, fosse tanto do ponto de vista sexual quanto do intelectual e moral, era somente permitida aos rapazes gregos e não aos adultos.

Já a moral romana variava segundo a posição social da pessoa, era uma questão de estatuto, não de virtude. (VEYNE, 1978, p. 47). Bernard Sergent, autor da tese de que o homoerotismo fazia parte dos rituais de iniciação entre diversos povos indo-europeus, defende a ideia de que a maioria aos quatorze anos entre os romanos eliminava a prática da pederastia, já que fazia o menino passar à idade adulta sem um estágio intermediário, como na Grécia. (SERGENT, 1986, p. 213).

A sexualidade dos antigos, diferentemente da nossa, não era regada pela religião, pois o politeísmo não era avesso ao homoerotismo, mas pela moral patriarcal. Mulheres e rapazes atuando como passivos não deveriam sentir prazer na relação sexual, mas somente dá-lo. Halperin (1989, p. 31) afirma que o que Veyne escreveu sobre os romanos também pode ser aplicado aos atenienses do período clássico: eles seriam, como muitos povos mediterrânicos, puritanos com relação à virilidade.

Cardoso (1992, p. 293), ao analisar o homoerotismo na literatura latina, escreve que ele foi encarado como “algo normal e puro” na poesia, mas, nos demais gêneros literários, “foi motivo de crítica explícita ou velada”. Ora, o que frequentemente vemos nas fontes não é uma crítica ao homoerotismo em si, mas sim à passividade, vista como um sinal de efeminação e, portanto, de subordinação. Nesse sentido, as sátiras, os epigramas e o teatro são mais representativos da mentalidade da época que a poesia, a qual, no mundo antigo, “não era confissão, mas artesanato”. (VEYNE, 1985, p. 219).

A sexualidade romana através das obras de Marcial e Juvenal

Marcial e Juvenal foram contemporâneos que viveram durante o Alto Império, antes que a moral romana fosse reorientada de acordo com as transformações políticas do Baixo Império, como veremos na conclusão deste artigo.

Marco Valério Marcial nasceu entre 31 e 41 d.C. em Bilbili, uma cidade da Hispânia, vizinha da moderna Catalayud. Teria chegado a Roma por volta do ano 64, mas só se tornaria famoso em 80, quando publicou os epigramas que comemoraram a inauguração do anfiteatro Flávio (o Coliseu). Recebeu favores dos imperadores Tito e Domiciano, dedicando ao último vários epigramas adulatários que dificultaram sua vida quando esse imperador foi assassinado em 96. A tentativa de angariar a simpatia dos imperadores sucessivos, Nerva e Trajano, não teve sucesso e, por isso, Marcial voltou para sua terra natal. (BETA *apud* MARZIALE, 2005, p. 7-8).

De Juvenal sabemos pouco. Nasceu em Aquino, foi amigo de Marcial e compôs a maior parte da sua obra sob os governos de Trajano e Adriano. Deixou-nos dezesseis sátiras, nas quais afirma ter sido advogado e ter visitado o Egito. Os contemporâneos, com exceção de Marcial, que lhe dedicou três epigramas, e os escritores sucessivos não falam dele. No IV século, um anônimo escreveu uma biografia sobre Juvenal, a qual não se julga muito confiável. (BARELLI *apud* GIOVENALE, 2004, p. 14).

Marcial distinguiu-se por seus epigramas. Originalmente, o epigrama (do grego *epigraphēin*, “escrever sobre”) designava a inscrição feita ao pé de uma estátua ou oferenda votiva. Já no século VI a.C., o epigrama perdeu sua função pragmática e se tornou um gênero literário. O epigrama foi muito utilizado no período helenístico e no mundo greco-romano, escrito tanto em grego como em latim.

Os chamados “poetas novos”, dos quais o mais conhecido representante foi Catulo, difundiram na sociedade romana a literatura de estilo helenístico, particularmente a produzida em Alexandria, que teve em Calímaco seu exemplo maior. Também foram eles que desenvolveram e divulgaram em Roma o epigrama, gênero literário que, na época imperial, fez a fama de Marcial.

Dois epigramistas gregos da época de Nero tiveram grande influência na obra de Marcial, Lucílio e Nicarco. (PAES, 2001, p. 117-120). Mais do que inovar, procurava-se então seguir os padrões literários que faziam sucesso. Note-se que, nessa época, “imitar era antes homenagem do que plágio”. (OLIVA NETO, 1996, p. 26).

Nos epigramas de Marcial, podemos ver as críticas que ele fazia aos que não se comportavam de acordo com os preceitos da sociedade, assim como versos em que cantava o amor pederástico, mostrando influência helênica. A posição do autor com relação ao homoerotismo é típica da moral romana, conforme descrita pelos historiadores já citados. Marcial ridicularizava

a efeminação e a passividade nos homens, mas cantava com naturalidade o amor aos rapazes. Suas sátiras estão de acordo com os costumes da elite romana de seu tempo, que procuravam conciliar o helenismo com os costumes romanos. Embora os costumes ancestrais (*mos maiorum*) estivessem cada vez mais distantes da vida diária dos romanos, eles continuavam a servir como referência para a conduta que se esperava dos elementos que compunham a elite de Roma.

No livro primeiro, Marcial se desculpa ao imperador pela linguagem obscena de sua poesia (*lasciva est nobis pagina*, MARCIAL, *Epigramas*, I, 4). Contudo, ela é uma característica do epigrama satírico, ao lado da invectiva pessoal muito agressiva. (OLIVA NETO, 1996, p. 50). A linguagem é frequentemente crua e tentamos mantê-la assim na nossa tradução. Marcial é particularmente duro com relação aos passivos, como no seguinte epigrama: “Gostas de dar Papilo, mas choras depois. Por que depois do desejo satisfeito demonstrar arrependimento? É mesmo arrependimento Papilo, ou choras porque já terminou?”. (MARCIAL, *Epigramas*, IV, 48)⁴.

Para os romanos, em geral, o prazer traduzia-se no desejo de transferir o próprio sêmen para o corpo de outra pessoa, portanto, somente o ativo gozaria. Ovídio ousou defender que o prazer verdadeiro deveria ser recíproco (CANTARELLA, 1999, p. 175-176), e alguns historiadores imaginam que essa postura, em meio à campanha moralizante de Augusto, contribuiu ou foi a própria causa do seu exílio⁵.

Não pretendemos aqui estudar como os romanos viviam o homoerotismo, mas sim como ele é retratado nos epigramas e sátiras de Marcial e Juvenal. Que o preconceito contra o comportamento sexualmente passivo não impedia tal prática não há dúvidas, porém, como ela era malvista pela sociedade, cumpria manter as aparências, pois as fofocas corriam em Roma e sempre havia ocasião para uma sátira como essa:

Vês Deciano, aquele com os cabelos desgrenhados, de olhar severo que mete medo, que fala de Curio, de Camilo e de outros patriotas? Não te fies no seu aspecto: ontem foi desposado. (MARCIAL, *Epigramas*, I, 24).

⁴ Os textos em latim podem ser consultados no site <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

⁵ Essa não é a opinião de Veyne, que acredita que ele tenha se envolvido como subalterno em algum escândalo de corte: “Ovídio no exílio não deixará de repetir em versos que não tinha feito nada, mas que seus olhos eram culpados de ter visto o que é imperdoável ver; ele tentará, até a sua morte, obter perdão, e, por isso, fingirá acreditar que seu verdadeiro crime, mais perdoável, era o de ter cantado o amor leviano; argumentará, para obter sua absolvição, que este amor leviano não era por isso ilegal”. (VEYNE, 1985, p. 108-109).

Porém, a crítica era mais acirrada quando a infração aos costumes era praticada abertamente, como no caso de um casamento entre dois homens:

O barbudo Calístrato se casou ontem com o robusto Afro, segundo os ritos que se costumam seguir quando uma virgem se casa. Precediam-lhes tochas acesas, um véu vermelho lhe cobria o rosto e não faltaram, ó Talásio, deus dos matrimônios, os teus cantos. Também se fixou um dote. Não te parece suficiente, Roma? Ou acaso esperas que Calístrato dê à luz? (MARCIAL, *Epigramas*, XII, 42).

Também Juvenal satirizou os casamentos entre homens, citando um cidadão romano que teria dado um dote de quatrocentos mil sestércios a um tocador de corneta. (JUVENAL, *Sátiras*, II, 117). Como sempre, a crítica maior era contra o homem que representava o papel feminino: “É uma pena que essas pobres esposas não possam parir e segurar o marido com os filhos! Felizmente a natureza não concede à vontade direitos sobre o corpo”. (JUVENAL, *Sátiras*, II, 137-140). Porém, para Juvenal, existia um comportamento ainda pior que ser desposado por outro homem: um cidadão romano apresentar-se na arena como gladiador. (JUVENAL, *Sátiras*, II, 143-148). Vemos aí quão distante estão os preconceitos dos antigos romanos dos nossos.

O casamento romano era uma cerimônia privada, uma festa particular, portanto, nada, além da tradição, impedia um casamento de livre acordo entre dois homens. (VEYNE, 1978, p. 40). Segundo Cantarella (1999, p. 225), os casamentos entre homens, dos quais existem traços nas fontes, eram realizados por uma minoria, cujo *status* social permitia provocar abertamente a opinião pública, como no casamento de Nero com Esporo, conforme os relatos de Suetônio e Aurélio Vítor.

Portanto, poucos tinham coragem suficiente para desafiar os costumes ao se casarem com outros homens. Uma solução frequente era o sexo com os escravos: “Teu jovem escravo tem dor no caralho enquanto tu, Névolos, tens dor no cu. Embora não seja adivinho bem sei o que fazes”. (MARCIAL, *Epigramas*, III, 71). Observamos o desprezo do autor pela passividade masculina, sobretudo por que ela desafiava a estrutura de domínio, com um cidadão que se fazia penetrar por seu escravo, quando o socialmente aceitável seria o contrário. Juvenal escrevia que “menos desgraçado será sempre o escravo que deve cavar o campo que aquele que deve 'cavar' o seu dono”. (JUVENAL, *Sátiras*, IX, 45).

Em uma sociedade que exigia dos seus cidadãos o casamento, havia recursos para que os maridos que não se interessavam pelas suas esposas

conseguissem gerar filhos: “Mas finges ignorar a verdade e descuidas também do resto: mas quanto avalias o fato de que se eu não te fosse tão afeiçoado e devoto cliente, tua mulher seria ainda virgem?” (JUVENAL, *Sátiras*, IX, 70-72). Juvenal avalia que “sucede em muitas famílias que seja o amante quem coloca em ordem um matrimônio instável que está para acabar ou já está completamente arruinado”. (JUVENAL, *Sátiras*, IX, 79-80).

Já o uso dos escravos como parceiros sexuais passivos era socialmente aceito. A iniciação sexual do romano geralmente ocorria entre os escravos, mulheres ou meninos. De fato, a prática dos homens romanos de terem seus amados, frequentemente entre os escravos da casa, era uma norma socialmente aceita, mas, a partir do casamento, ela deveria ser abandonada. Já Catulo (1996, p. 141-143) declamava: “ó esposo perfumado, a custo (dizem) deixas glabros jovens, mas deixa-os”. Além do testemunho literário de Catulo, temos o de Marcial:

Começa a pensar, Vítor, em como se faz amor com as mulheres, que teu caralho aprenda o ofício que desconhece. A virgem tece o véu, a noiva prepara-se para o casamento e quando será sua esposa mandará cortar os cabelos dos teus escravinhos. A ti, marido desejoso, oferecerá o cu na primeira vez, mesmo que tema as feridas do novo dardo. A mãe e a aia te impedirão de continuar a fazê-lo, dirão: “ela é tua esposa e não um rapazinho”. Ai, quanto sufoco, quantas fadigas vais passar por desconheceres uma boceta! Confia-te às lições de uma puta da Suburra: ela te fará um homem. Uma virgem não ensina nada. (MARCIAL, *Epigramas*, XI, 78).

Como nem toda regra é cumprida, não eram poucos os homens que persistiam em procurar rapazinhos após o matrimônio. Para evitar essa prática, alguns contratos de casamento proibiam ao futuro marido manter uma concubina ou um rapazinho. (VEYNE, 1978, p. 50). Contudo, segundo Grimal (1991, p. 127), entre os romanos, “a monogamia legal era atenuada por uma poligamia de fato”. Os escravos e escravas ou mesmo eventuais amantes livres garantiam uma vida sexual intensa aos romanos. Marcial confessou que preferia o sexo anal com outros homens a praticá-lo com sua mulher, recorrendo à mitologia em sua defesa.

Surpreendes-me ao leito com um rapazinho e, com tom severo, mulher, me dizes que também tens um cu. Quantas vezes Juno disse a mesma coisa ao lascivo Júpiter! Mas ele dorme com Ganimedes, que não é mais um rapaz. Hércules deixava seu arco para acariciar Hilas: crês que sua mulher,

Mégara, não tivesse bunda? Febo se atormentava por Dafne que lhe fugia, mas Jacinto, o jovem espartano, apagou-lhe o fogo do amor. Mesmo que Briseida se deitasse deliberadamente de bruços, Aquiles preferia o amigo do rosto sem pelos. Deixa de dar às tuas coisas nomes masculinos, pois tu tens duas bocetas! (MARCIAL, *Epigramas*, XI, 43).

Em seus amores masculinos, Marcial frequentemente deixava explícito que o seu comportamento estava dentro dos padrões socialmente aceitos. Ele gostava de rapazes imberbes e lamentava quando o surgimento dos pelos no amado indicava que a relação pederástica deveria acabar. Um epigrama de Alceu, da *Antologia Palatina* (XII, 30), dizia: “Tua perna, Nicandro, cobriu-se de pelos. Cuidado se o mesmo acontecer com a tua bunda, pois então verás como os amantes se tornam raros!”

Porém, nem sempre essa regra era respeitada.

Por que aquilo que ontem concedeste negas hoje, Hilo meu garotinho, repentinamente tão duro, tu que antes era tão meigo? Agora levas em consideração a tua barba, a tua idade e os pelos que cobrem teu corpo. Que longa foste ó noite! O suficiente para produzir um velho! Por que essa brincadeira? Hilo, tu que ontem eras um menino, diga-nos por que razão hoje és um homem. (MARCIAL, *Epigramas*, IV, 7).

Nesse epigrama, nota-se que Hilo não era mais imberbe quando se deitou com Marcial, embora aparentemente isso não tenha representado um impedimento para a realização do ato sexual. Na manhã seguinte, contudo, o rapaz se negou a voltar a conceder seus favores, alegando sua idade e seus pelos. Se o que nos conta Marcial não é somente uma criação literária, é provável que a idade tenha servido de desculpa a Hilo a fim de evitar a continuidade da relação com o poeta. Quanto a Marcial, não parece ter se importado muito com os pelos que cobriam o corpo do rapaz. Como escrevia Estratão: “Eu não abandono meu amado, mesmo com pelos e barba sua beleza me pertence”. (*Antologia Palatina*, XII, 10).

Se essa atitude ia contra os princípios da pederastia, desregramento maior era tentar esconder a idade através da depilação. A crítica era violenta contra os que se depilavam a fim de permanecer na posição de passividade sexual:

Depilas teu peito, tuas pernas, teus braços; o teu caralho tosquiado está somente rodeado de poucos pelos curtos: tu

⁶ “A ideia de que um poeta faça seu autorretrato, que nos é tão natural, teria sido menos compreensível para os antigos; sua literatura não é confissão, mas artesanato [...]”. (VEYNE, 1985, p. 219).

o fazes, Labieno – quem não o sabe? – para tua amante.
Mas depilas também a bunda: e isso, para quem o fazes?
(MARCIAL, *Epigramas*, II, 62).

Marcial não ironiza somente os que pretendiam iludir os homens fazendo-se passar por jovens imberbes com o objetivo de desfrutar por mais tempo dos prazeres da passividade, sua crítica também se dirigia contra aqueles que excitavam os rapazes, tornando-os parceiros ativos antes do tempo: “Nos jogos com os meninos de faces lisas a mão peca mais que o pau, os dedos o tornam um homem depressa”. (MARCIAL, *Epigramas*, XI, 22). O papel sexual do menino (*puer*) deveria, pois, ser somente passivo.

O epigrama abaixo indica que pior ainda que a fama de passivo era a de ser conhecido como praticante do cunilíngua.

Só por que tens as pernas e o peito peludos como um javali, pretendes, Caridemus, apagar a tua fama de chupador de bocetas? Arranca os pelos de todo teu corpo para que as pessoas pensem que também tens a bunda depilada. Por quê? Me perguntas. Tu sabes que muitos falam de ti: assim acreditarão que te deixas enrabar.
(MARCIAL, *Epigramas*, VI, 56).

Mas o cúmulo do desregramento sexual era representado pelo homoerotismo feminino. Uma mulher que ousava assumir o papel masculino era uma subversão insuportável para o machismo dos romanos (VEYNE, 2008, p. 242) e Marcial não deixa de dedicar um epigrama satírico a uma dessas mulheres.

A tríbade Filenis enraba os garotinhos e, mais libidinosa que um marido no seu ardor lúbrico, num só dia ela fode onze moças. [...] Embora faça tudo com libidinagem, não chupa um caralho, ato que ela julga ser pouco viril, mas devora com frenesi as bocetas das moças. Que os deuses conservem a tua inclinação, Filenis, tu que julgas coisa de homem chupar bocetas. (MARCIAL, *Epigramas*, VII, 67).

Vemos aqui, conjuntamente, três práticas sexuais que eram execradas pelos romanos: o homoerotismo feminino, a mulher que assume um papel viril e a prática do cunilíngua. Embora aqui não se trate de uma inversão de papéis entre senhores e escravos, cujo papel na sociedade deveria refletir-se na sexualidade, temos outra ameaça à ordem estabelecida, na imagem de uma mulher que ousa tomar o lugar do homem, invertendo os papéis do dominador e do dominado que o gênero deveria indicar em uma sociedade patriarcal como a romana.

Concluimos essa breve explanação salientando a importância das obras de Marcial e de Juvenal para o estudo dos costumes dos romanos durante o Alto Império, particularmente sobre a sexualidade. Suas críticas, mais do que mostrar os preconceitos dos autores, satirizam os comportamentos que a sociedade de seu tempo julgava errados, mas que tolerava conforme as circunstâncias. Se Marcial e Juvenal realmente vivenciaram os comportamentos que retrataram não é o que mais importa para nosso estudo, mas sim a descrição dos costumes que eram considerados desviantes em sua época. Segundo Veyne (1985, p. 252), “ora, não se escreve para tornar públicos seus erros, exceto se for com a intenção de divertir, ou ainda, edificar os outros pecadores”.

Parece mesmo que a opinião pessoal dos autores com relação aos comportamentos que criticavam era bem menos rigorosa que os preconceitos da sociedade de então. Marcial diz em um epigrama: “Que te importa Olus o uso que cada um faz da sua pele?” (MARCIAL, *Epigramas*, VII, 10). Juvenal diz que a culpa não é de Peribômio se ele é efeminado, mas sim do destino. “Bem piores são aqueles que se jogam contra esses vícios com palavras de Hércules e que depois de um belo discurso sobre a virtude, saem rebolando!” (JUVENAL, *Sátiras*, II, 19-21).

A influência da filosofia grega, particularmente dos estoicos, a partir da dinastia Antonina, levaria a uma metamorfose da ética sexual do paganismo que abriria o caminho para a moral cristã que se afirmaria sob o Baixo Império. Segundo Veyne, essa nova ética foi motivada pelos seguintes fatores: a passagem de uma “aristocracia concorrencial” a uma “aristocracia de serviço” e a uma “autorrepressão plebeia”. Ou seja, a nobreza teve de abandonar sua “sexualidade de estupro”, típica do período republicano e do início do Império, quando se tornou servidora dos imperadores “filósofos” da dinastia Antonina. A dignidade era então conferida pelo autocontrole e não mais pelo abuso dos dominados. O casamento, a fidelidade e o companheirismo entre os cônjuges passaram a ser valorizados. Então, “toda a sexualidade se alinha sob a conjugalidade e a reprodução”. (VEYNE, 1978, p. 48).

O cristianismo, porém, transformaria essa nova moral aristocrática em um “comportamento normal” que se deveria impor a toda a população do Império, o qual, desde Constantino, foi progressivamente cristianizado. Se, sob o paganismo, os comportamentos desviantes eram ridicularizados nos epigramas, nas sátiras e no teatro, sob o cristianismo eles começaram a ser reprimidos através da intervenção do Estado, que se tornou o defensor da Igreja. O homoerotismo passou então a ser um crime contra as leis do Império e

de Deus e deveria ser punido com todo o rigor. A Roma cristã abandonou a tolerância religiosa da Roma pagã, onde “o braço secular deixava à divindade o cuidado de punir por si mesma as injúrias que lhe eram feitas, se ela pudesse”. (VEYNE, 1985, p. 46).

Em 342, foi criada uma lei que punia o parceiro passivo de uma relação homoerótica (possivelmente com castração, a interpretação da lei varia segundo os historiadores). Em 390, os passivos que se prostituíam nos bordéis foram condenados à morte na fogueira. Em 438, a morte pelo fogo foi estendida a todos os passivos. Contudo, foi somente durante o governo de Justiniano (527-565) que a punição atingiu os dois parceiros, marcando a vitória da moral cristã sobre a antiga moral romana, que discriminava somente o parceiro passivo. (CANTARELLA, 1999, p. 236-237).

Referências

- AUBRETON, Robert ; BUFFIERE, Félix ; IRIGOIN, Jean (Org.). *Anthologie Palatine (Livre XII)*. Paris: Belles Letres, 1994.
- CANTARELLA, Eva. *Secondo natura: la bissexualità nel mondo antico*. Milão: Bur, 1999.
- CANTARELLA, Eva. *L'Amore è un dio: il sesso e la polis*. Milão: Feltrinelli, 2007.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. O homossexualismo na poesia latina. *Clássica*, Belo Horizonte, sup. 1, p. 83-94, 1992.
- CATULO. *O livro de Catulo*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- ESLAVA GALÁN, Juan. *La vida amorosa en Roma*. Madri: Temas de Hoy, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- GIOVENALE, Decimo Giunio. *Satire*. Introdução di Luca Canali. Traduzione e note di Ettore Barelli. Milano: Rizzoli, 2004.
- GREENBERG, David F. *The construction of homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HALPERIN, David M. *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*. New York; London: Routhledge, 1989, p. 230.
- MARZIALE. *Epigrammi*. A cura di Simone Beta. Milano: Oscar Mondadori, 2005.
- OLIVA NETO, João (Trad.). Introdução e notas. In: CATULO. *O livro de Catulo*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- PAES, José Paulo (Comp., trad.). *Poemas da antologia grega ou palatina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROBERT, Jean-Noël. *Eros romain*. Paris: Hachette, 1998.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SERGENT, Bernard. *L'homosexualité initiatique dans l'Europe ancienne*. Paris: Payot, 1986.
- VEYNE, Paul. *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VEYNE, Paul. La famille et l'amour sous le Haut-Empire romain. *Annales, Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 33, n. 1, p. 35-63, 1978.